

# Reflexões sobre a Construção do Papel Feminino

*Grace Mary Dias*

## **Sobre a autora**

Grace Mary Dias é Assistente Social atuando junto à Secretaria de Habitação do Estado de Santa Catarina. Especializada em Serviço Social, é professora na Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI. Atualmente cursando Mestrado em Filosofia na PUC/SP.

Este trabalho foi orientado pelo Prof. Pedro Bertolino da Silva, a quem agradecemos pela amizade e dedicação fundamentais para a concretização deste projeto

## **Summary**

This work aims at bringing up some reflections about development of the women's role having as reference a french writer Simone de Beauvoir, who discusses the women's point based tradition, education and culture, rebuilding the basis of our civilization, as well as leading to a comprehension of the horizon of our reality established by civilization we ar part of.

## **Resumo**

Este trabalho tem por objetivo desencadear algumas reflexões acerca da construção do papel feminino, tendo como referencial a obra da escritora francesa Simone de Beauvoir, que discute a questão da mulher sob a ótica da tradição e cultura, remontando às bases de nossa civilização e levnado-se também a uma compreensão do horizonte de racionalidade instaurado por essa civilização em que estamos inseridos.

## Introdução

Durante nossa atuação profissional como Assistente Social de uma instituição Pública por quase cinco anos, pudemos constatar que no trabalho de atendimento às questões familiares, emergia de forma inequívoca a condição de submissão da mulher.

Aparentemente, tal fato pode parecer óbvio, porém o que mais impressiona é o fato de que a maior parte das mulheres não compreendam ou reflitam sobre esta situação, vivendo essa "experiência" como uma contingência natural própria do papel feminino.

Na realidade, as condições que levaram a mulher à submissão e à desqualificação dentro da divisão dos papéis sociais foram constituindo-se histórica e culturalmente dentro de uma racionalidade cujo "modelo" privilegia o masculino em detrimento do feminino. Assim, as mulheres, impregnadas desta ideologia, desconhecem (em sua maior parte) o caráter histórico e cultural que permeia essas diferenças, vivenciando, sustentando e reproduzindo essa concepção social - e não natural como alguns querem fazer parecer - de hierarquização entre os sexos.

Ainda é preciso salientar que nosso trabalho está inscrito num contexto específico, sendo a experiência que o suscitou bastante singular, porém nosso objetivo reside em procurar compreender, através dessa singularidade, seu caráter universal.

A abordagem do tema é realizada através da perspectiva da Fenomenologia Moderna, que aponta para uma compreensão do homem enquanto um sujeito que "se constrói" a partir de mediações com o mundo (objetividade) e com os outros (subjetividades), num movimento progressivo-regressivo, negando ontologicamente a possibilidade de existência de determinismos de qualquer ordem.

Simone de Beauvoir constitui-se por isso, não apenas uma fundamentação coerente em termos teóricos, mas também um marco, na medida em que consideramos a importância de sua obra, o conjunto de suas experiências pessoais, bem como o momento histórico em que levantou a questão.

Dessa forma, a obra *O Segundo Sexo* inscreve-se no conjunto das obras de Simone de Beauvoir como eixo fundamental desta discussão sobre a mulher, cujo desdobramento político nos remete às bases que sustentam a nossa civilização, e por isso, essa compreensão somente será superada quando superar-se a práxis que a engendrou.

Assim, este trabalho tem como pano de fundo, também a obras literárias da autora, que não foram citadas e por isso estamos inserindo na bibliografia, uma vez que contribuíram para as reflexões aqui levantadas.

Portanto, não se trata de uma resenha ou estudo exaustivo da

obra, mas de uma reflexão que será sustentada em algumas de suas partes, que consideramos significativas para a abordagem da questão.

## O Modelo Feminino

Apesar de muitos quererem explicar as diferenças entre homens e mulheres através do sexo remetendo-se a questões genéticas e fisiológicas, é preciso entender que a questão da mulher não passa apenas pela diferença sexual, mas pelo "tratamento" que se confere socialmente a ambos.

A própria Antropologia nos mostra que mesmo considerando-se culturas diferentes, a variabilidade ou distinção entre os sexos, não é somente atribuída à fisiologia.

A cultura e a sociedade exercem um papel fundamental na produção destas diferenças e por isso é necessário delimitar o âmbito e a influências que exercem.

Assim, quando nasce biologicamente o ser humano é lançado num meio familiar, numa placenta social, onde vai se constituindo. E neste momento que homem e mulher são lançados em um meio cujas escolhas e racionalidade já estão estabelecidas: papéis, valores, relações de poder e hierárquicas, crenças, onde a mulher se faz mulher e o homem se faz homem.

Desta forma através do corpo, das coisas, das pessoas, homens e mulheres estabelecem relações de compreensão e aprendizagem no mundo.

"Seu desenvolvimento sexual é análogo, exploram o corpo com a mesma curiosidade e a mesma indiferença(...)"(1).

Deste modo a questão do nascimento, da sucção, da desmama, ocorre da mesma maneira para as crianças dos dois sexos.

Não há, durante pelo menos os 3 ou 4 primeiros anos de vida diferenças significativas entre meninos e meninas.

A partir do início do crescimento da criança, a relação com os pais vai modificando-se. Os pais começam a negar-lhes o colo, deixam de aceitá-las na cama e o exercício da frustração física, o sentimento de abandono, é compreendido com angústia.

Segundo Beauvoir, quem vai ter continuidade desses "privilégios" a princípio é a menina: deixam-na mais junto com a mãe, lhe são mais complacentes, vestem-na com maior cuidado e protegem-na da angústia e solidão.

Por sua parte o menino é estimulado a ter maior

independência, sendo persuadido de que devido à sua superioridade é que lhe exigem coisas mais difíceis, e por isso é levado a um orgulho tenro da sua virilidade.

"...um homem não pede beijos..." "um homem não chora", dizem-lhe. Querem que ele seja um "homemzinho"(2).

Neste contexto, o órgão genital do menino vai ser tratado como um duplo, uma "pessoinha", por quem toma conta do menino; e mais tarde é no seu órgão genital que o menino vai afirmar-se.

No caso da menina, a conotação dada aos seus órgãos genitais é distinta. Não lhe chamam atenção para tal, é como se ela não os tivesse. Posteriormente a menina vai ver na boneca o seu duplo (fora de si), o mesmo duplo que o menino vê no pênis, que é parte de si.

Essa relação que as crianças estabelecem com seus genitais de forma alienada (pois são valores atribuídos por OUTRO) e distinta, vai afirmar-se no seu corpo, colocando desta forma a encarnação do seu ser.

A criança na realidade, aceita a diferença sexual entre homem e mulher como algo natural.

"...seu corpo é uma plenitude para ela(...) mas ela se acha situada no mundo de um modo diferente do menino, e um conjunto de fatores pode transformar a seus olhos esta diferença em inferioridade"(3).

Enquanto o menino é estimulado a fixar seu narcisismo no pênis, e encorajado a viver para outrem a partir de si próprio, em contraposição a menina é levada a renunciar sua autonomia, através das imposições que lhe são colocadas pela educação e pela sociedade, apreendendo a ser passiva, sendo confirmada na "tendência" de fazer-se objeto.

E certo que para o menino é dado o espaço para que ele se faça em um livre movimento para o mundo. Essa diferença é colocada de forma antagônica para a menina desde o início: "é ensinada que para agradar é preciso agradar, fazer-se objeto"(4).

Mas os costumes opõem-se que as meninas sejam tratadas iguais aos meninos. A coersão social é muito mais forte na cobrança dos papéis fazendo com que as meninas achem conveniente optar por encarná-lo do que tentar vivenciá-lo de uma forma diferente. Até mesmo porque as meninas e os meninos em geral são entregues às mulheres (mães, irmãs, tias, etc) que respeitam a virilidade do menino, que logo lhes escapa, mas como para si mesmas, "cobram" das meninas um jeito feminino de ser.

Assim, hoje em dia as mulheres procuram ocupar seus espaços e são até encorajadas a seguir uma profissão, a estudar, "a crescer", mas sempre lembradas também para não perderem por isso a sua feminilidade.

A hierarquização dos sexos dessa forma contorna-se inicialmente dentro da família.

E através de lendas de príncipes e de canções que a menina começa a perceber o mundo pelo "olhar" masculino, constatando que tal como ontem, hoje ainda são homens que dirigem o mundo.

A menina vai apreendendo que para ser feliz tem que ser amada e que por isso é preciso esperar: um amor, um príncipe, um herói, reforçando isto em seu universo de fantasias.

Cabe à mulher, para tornar-se mulher, em primeira instância, seduzir um homem; é através das relações com o mundo vivido que ela vai estabelecendo este aprendizado.

Através dos contos, histórias e lendas é que vai sendo delineada esta postura, este papel feminino. São os príncipes, os homens, que mais tarde vão arrancar-lhe da vida comum em que vivem, e não a sua própria ação.

"A exuberância da vida é nelas barrada, seu vigor inutilizado transforma-se em nervosismo; suas ocupações demasiado sensatas não esgotam seu excesso de energia; por tédio e para compensar a inferioridade de que sofrem, entregam-se a devaneios melancólicos e romancescos; tomam gosto por essas evasões e perdem o sentido da realidade"(5).

Mais tarde os meninos procuram cortar os laços que os prendem à mãe; as meninas, especialmente ligadas à mãe, possuem sentimentos ambíguos por esta relação e procuram também conquistar o amor e a admiração do pai.

Estabelecidos os papéis, aos meninos caberá um espaço aberto para que possam projetar-se num futuro, abrir caminhos, estabelecer avanços, transcender-se. Para a menina o futuro nesse sentido já está definido, é apenas necessário aguardar seu tempo de casar, ter filhos, cuidar da casa e do marido. Assim como fizeram sua mãe, tias, irmãs e avós.

Não há como escapar, seu futuro já está previsto e é posto para ela: repetir e recriar as tarefas que já lhe foram atribuídas.

No tocante à relação sexual, inicialmente é passada pelos pais para a criança através de um clima de mistério. Posteriormente a natural curiosidade da criança sobre a sua origem e nascimento, é explicada de maneira vaga e muitas vezes equivocada.

Nessa perspectiva o ato sexual para a menina vai ser considerado algo sujo, indigno, "coisa de tarado". E é com angústia e perplexidade que mais tarde descobre que seus pais o praticam.

Sua situação se complica quando mais tarde é informada de que quando casar-se, aceitará de "bom grado" a relação que agora abomina, e por isso sente seu universo ruir e teme o futuro que lhe espera.

"Como passar da idéia de pessoas dignas e vestidas, pessoas que ensinam a decência, a discrição, a razão, à de dois animais nus e que se enfrentam?"(6)

Diante dessa angústia, tenta buscar informações de acordo com sua educação, até mesmo na Bíblia ou ainda com os amigos. E quase sempre através da ignorância e de informações desencontradas que vai realizando seu aprendizado.

Com a chegada da adolescência, as transformações e as significações sobre o corpo e a sexualidade apresentam-se de forma radicalmente distintas para os dois sexos.

A menina pelo pouco conhecimento da fisiologia de seu corpo e movendo-se num espaço cheio de informações equivocadas e tabus relacionados ao período menstrual, choca-se e sente-se na maior parte das vezes estranha à si mesma. Sentimentos ambíguos formam-se nesse período, pois inicialmente o advento da menstruação aparece como um rito, demarcando a passagem de uma etapa da vida para outra. Porém, ao perceber que este fato "altera" seu status mas não sua condição dentro do universo humano, isto a angustia e por vezes a decepciona.

Ao contrário, para o menino a puberdade aparecer com alegria, uma vez que foi incentivado desde a infância a ter orgulho da sua virilidade. Esta fase é a confirmação que vai alçá-lo definitivamente ao mundo dos machos.

Assim, a adolescência vai significar e confirmar para o menino e a menina a diferença entre o futuro que lhes é reservado.

Da mesma forma, a experiência erótica vai ser revelada pelo coletivo, de maneira análoga a da sexualidade: vaga, imprecisa e carregada de tabus e preconceitos. Assim explicar o mistério da criação através de um paralelo entre os animais parece teoricamente possível. Mas como explicar o sentido do amor?

Em virtude da condição sob a qual a menina está colocada no mundo, a descoberta do desejo carnal aparece estranha e perturbadora. Neste momento ela compreende que destina-se à posse e revolta-se contra seus próprios desejos.

"A menina sente que o corpo lhe escapa, não é mais a expressão clara de sua individualidade: torna-se estranho; e, no mesmo momento, ela é encarada por outrem como uma coisa: na rua, acompanham-na com o olhar, comentam-lhe a anatomia, ela gostaria de tornar-se invisível; tem medo de tornar-se carne e medo de mostrar esta carne"(7).

Portanto, neste período os antagonismos entre homem e mulher começam a delinear-se de maneira mais nitida.

Enquanto o menino aprende a lidar/trabalhar a atração que aparece em relação ao sexo oposto, a menina aprende a relacionar-se com a sua sexualidade envolta em mistérios e moral. No caso da mulher, aqui inicia-se com maior clareza a ambiguidade entre dignidade e castidade, criando-se, tanto por parte dos pais como da sociedade, exigências e expectativas em relação ao seu comportamento sexual.

"Há um sonho que os psiquiatras dizem ter encontrado amiúde nas jovens pacientes: imaginam ser violentadas por um homem sob as vistas de uma mulher mais velha e com o consentimento dela. É claro que pedem simbolicamente à mãe a permissão de se entregarem aos seus desejos"(8).

Nesse horizonte, a adolescente move-se e encaminha-se para a vida adulta envolvida em inquietações, tabus e preconceitos, estando impossibilitada de realizar este caminho sem "assumir" a sua feminilidade.

Beauvoir assinala que este período está marcado pelo aborto existencial; ou seja, é neste momento que a mulher descobre que um futuro próprio e pessoal, aparece como algo inviabilizado: tanto em relação ao homem quanto em função das tarefas de fêmea/mulher que lhe estão pré-destinadas.

Ao menino esta fase aparece como um nascimento existencial, uma vez que, além desta atitude ser-lhe "exigida" por parte da família e também da sociedade, é neste momento de sua vida que se concretiza o espaço para o homem por-se no mundo para e por si próprio.

"O casamento não é apenas uma carreira honrosa e menos cansativa do que muitas outras: só ele permite à mulher atingir a sua dignidade social e integral e realizar-se sexualmente como amante e mãe. É sob este aspecto que os que a cercam encaram seu futuro e ela o encara. Admite-se unanimemente que a conquista de um marido - em certos casos de um protetor - é para ela o mais importante dos empreendimentos"(9).

A fraqueza física alijou-a do aprendizado da violência e do desafio, confirmando a "inferioridade" que vivencia desde a infância. Mais tarde concretizando-se como um "valor", vai estender-se para o seu desenvolvimento e desempenho intelectual.

É sabido que, em nossa civilização, é contumaz exigir-se da menina dedicação aos estudos e paralelamente o auxílio nas tarefas domésticas. Além disso, sua espontaneidade e desconcentração são geralmente cerceadas em nome da postura e da moral, fazendo com que quase toda experiência espontânea seja reprimida: resta-lhe a tensão e o tédio, mais tarde transformados em preguiça, derrotismo e mediocridade.



"Essa impotência física traduz-se por uma timidez mais geral: ela não acredita numa força que nunca experimentou em seu corpo; não ousa empreender, revoltar-se, inventar: votada à docilidade, à resignação, não pode se não aceitar, na sociedade, um lugar já preparado. Ela encara a ordem das coisas como dada"(10).

Assim, a mulher é ensinada desde criança que não é aumentando seu valor que se valorizará aos olhos do homem; nem com agressividade, autoridade ou franqueza poderá conquistá-lo; mas sim, abdicando de seus desejos é que poderá "agradá-lo".

A literatura e os romances, em nossa sociedade, incitam e valorizam na mulher a doçura, a fragilidade, traduzindo estas qualidades como essência do feminino. Contrapondo a isto, a afirmação de si próprio como sujeito é colocada como a inviabilização do feminino e a impossibilidade de sedução, portanto, a afirmação da mulher como sujeito vai ser comparada a marginalidade: essa atitude vai ser associada à da prostituta, homossexual, aventureira ou histérica.

"Se desejam esboçar uma amizade ou namoro devem evitar cuidadosamente de parecer tomar a iniciativa; os homens não gostam de mulher-homem, nem de mulher culta, nem de mulher que sabe o que quer: ousadia demais, cultura, inteligência, caráter, assustam-os"(11).

Para o rapaz, a maneira de colocar-se no mundo, sua ousadia, coragem e virilidade, vem de encontro à imagem de macho e por isso sua independência e liberdade lhe conferem além do aprendizado do mundo objetivo, também um valor e prestígio social.

Neste texto, a jovem vai formando uma identidade/personalidade que aos poucos desloca a sua perspectiva de "olhar o mundo", distanciando-se da masculina. Desenvolve uma sensibilidade diferente da dos homens em relação às mediações que mantém com o mundo. Fenecendo nesta luta, acaba cedendo.

"Quando o combate passou, como acontece muitas vezes de uma revolta simbólica, a derrota é certa. Exigente em sonho, cheia de esperança mas passiva, a jovem faz os adultos sorrirem com piedade. Eles votam-na à resignação. (...) A jovem enterra lentamente sua infância, o indivíduo autônomo e imperioso que poderia ter sido, e entra submissa na existência adulta"(12).

Ao entrar na idade adulta, a autoridade materna é ainda o vínculo familiar mais pesado. Estando sob o jugo da família ou vivendo sozinha, a conquista do marido constitui-se ainda em empresa fundamental da sua vida. A "espera" do homem fecha-lhe muitos horizontes, mesmo quando se empenha no campo profissional, esta tarefa se apresenta à ela mais difícil do que aos homens. Segundo Beauvoir, isto acontece por que seus interesses não estão muito claros e

bem divididos. Isto pode ser identificado no fato quase comum de muitas mulheres abandonarem em parte ou por completo seus estudos, sua formação, sua profissão quando ocorre o casamento.

Por não ter a experiência de empreender projetos e vivenciá-los, as mulheres colocam pouco de si em suas empresas, além do que, a racionalidade que as rodeia contribui para que ela acabe por abandoná-las.

Seu aprendizado de mulher constitui-se ainda através da sexualidade. A forma como as mulheres vivenciam a primeira experiência é radicalmente distinta dos homens.

Para o homem o ato sexual é mais fácil de ser realizado, pois o conhecimento que ele tem de seu corpo torna sua ação mais clara e objetiva em relação ao ato sexual, cujo final biológico é bem definido e a integridade do corpo restaurada após o final.

Para a mulher a experiência sexual é mais complexa, refletindo na sexualidade a própria situação feminina. Inicialmente, ela desconhece muitos aspectos de seu próprio corpo, sendo o parceiro, em muitos casos, mediador desse processo de conhecimento. Além disso, a primeira experiência sexual vivenciada pela mulher envolve uma mudança física irreversível: o rompimento do hímen. Isto alia-se ainda, ao fato de que para ela o ato sexual não possui ainda um objetivo bem definido: em seu corpo existe o clitóris relacionado ao prazer e a vagina à reprodução. (Tais funções não serão determinadas apenas biologicamente mas serão também "significadas" a nível de sociedade e cultura).

No entanto, as diferenças ainda se ampliam. O homem não pode vivenciar o ato sexual sem evidentemente, estar excitado e consenti-lo. Enquanto a mulher pode ter a sua recusa ou a sua ausência de desejo ignorada e vencida. Sua recusa transforma-se em submissão e até mesmo fingimento.

Assim, a diferença biológica amplia-se para o cultural. Cada civilização, sociedade ou grupo pode ter uma certa variabilidade em relação às formas de vivenciar a sexualidade; é certo porém, que estas variações estão inscritas numa racionalidade instaurada pelo coletivo, cujo sentido, o valor e as significações estão forjadas no conjunto das suas produções culturais, expressando valores e ideologias que compõem outra ponta da realidade social.

Nesse horizonte, nossa civilização coloca a sexualidade masculina como algo que deva ser vivenciado como a confirmação de sua identidade de macho. E para a mulher é reservado o espaço para a castidade e a honra que é definido pela moral e pela política.

Em nossa racionalidade está imbuída uma forma unilateral de caracterizar o ato sexual. Podemos identificar isto através dos chavões machistas que impregnam nossa cultura e nossa sociedade, onde homem e mulher são vistos em posições antagônicas, como por exemplo: possuidor/possuída, caçador/caça, comedor/comida, etc.

Assim vai sendo moldada a ideologia de que ao manter relações sexuais com um homem a mulher é uma "prestadora de serviços" que deve ser remunerada (com segurança, manutenção, presentes, etc) constituindo ao mesmo tempo, uma imagem passiva da condição feminina.

A primeira experiência sexual de uma mulher torna-se algo mais complexo na medida em que apesar de não haver vivenciado anteriormente o ato, de certa forma o havia idealizado. Posteriormente a experiência vivida vai devolvê-la à realidade.

"Na prova real da experiência erótica as obsessões da infância e da adolescência vão enfim dissipar-se ou confirmar-se para sempre, mesmo quando não conhecem tais obsessões, elas se assustam à idéia de que certas partes do corpo que não existiam nem para elas, nem para ninguém, que não existiam de modo algum, vão repentinamente emergir à luz. (...) não lhe cabe se não passar pelo julgamento do homem: por isso nada lhe resta fazer. Por isso é que a atitude do homem terá repercussões profundas"(13).

A passividade da mulher não é inércia. Os costumes, a anatomia, atribuem ao homem o papel de iniciador.

Do homem se espera a iniciativa, a potência, e a capacidade de dar prazer. Da mulher as qualidades exigidas são as inertes. E por isso, a confirmação da mulher no jogo sexual é evidenciada pelo "veredito" do homem.

E em função disso que muitas mulheres vivenciam a experiência sexual como uma violação, onde o homem busca apenas a sua satisfação individual, ignorando as diferenças e as significações com que a mulher, diferentemente dele, vivencia esta relação.

Além disso é necessário sublinhar ainda o conflito, a insegurança e muitas vezes a humilhação diante da possibilidade/risco da gravidez. Apesar de hoje existirem métodos contraceptivos seguros e eficazes, permitindo à mulher vivenciar livremente a sua sexualidade, é preciso lembrar que tais métodos não encontram-se ao alcance de todas as mulheres. Por ignorância, falta de poder aquisitivo ou preconceito, é fato que muitas mulheres hoje permanecem ainda complicadas com a sua sexualidade, também por causa da iminência da gravidez.

Nesta contextualização, a mulher evidentemente terá na vivência de sua sexualidade um espaço muito mais restrito que o homem.

Beauvoir marca, entretanto, que os fatores que geram esta "complexidade" em relação ao espaço vivido pela mulher, dependem não só dos aspectos aqui levantados, mas ainda de outras instâncias sociais, históricas, culturais e econômicas que tornam esta vivência "manifesta" de modo muito singular.

Estas estruturas irão cristalizar-se inscritas num horizonte ideológico específico da civilização em que vivemos; e serão sustentados em muitos mitos que, apesar de surgidos em tempos remotos, ainda hoje sobrevivem transformados ou imbuidos de outras significações.

## Os Mitos

Desde o patriarcado, e mesmo em sociedades anteriores a ele, os homens sempre detiveram o poder.

Com o desenrolar da história, desde os povos primitivos até os tempos atuais, foram se forjando, ao redor da figura da mulher, preconceitos, tabus e coñhecimentos apriorísticos, tornando-a um mito.

As características fisiológicas de seu corpo e a sua determinação biológica à procriação vistas através da ignorância e do obscurantismo, fizeram de seus domínios o místico. Neste contexto foi sendo organizada a racionalidade/ideologia de nossa sociedade, repercutindo tais concepções na forma com que homem e mulher posicionam-se no mundo.

Quase todos os mitos da "criação", em especial o mito do Gênese, difundido em nossa civilização através do Cristianismo, explicam com convicção e de modo exaustivo a supremacia do homem perante a mulher.

O Gênese descreve a criação de Eva, a primeira mulher da humanidade, extraída de uma das costelas de Adão. Eva portanto, não foi criada nem junto com Adão nem com uma substância igual ou diferente da que serviu para criá-lo: foi criada de uma parte de Adão para ser seu complemento, sem modificá-lo.

Outro mito é o da relação Mulher/Natureza, Mãe/Natureza, através do estabelecimento de um paralelo entre criação e repetição da vida, fazendo dessa unidade um processo pelo qual a mulher é "identificada" essencialmente pela possibilidade de gerar o fenômeno da vida.

Assim, em muitos povos o "ritual" que acompanha o nascimento está fundamentalmente voltado para a mãe: exigindo-lhe, entre outras coisas, processos rígidos de purificação. No Cristianismo fica-lhe o peso do "pecado original".

Além desses tabus, ainda hoje permanecem em nossa cultura muitos outros como aqueles relativos à menstruação. Desde o advento do patriarcado a menstruação é tratada em diversos povos como um rito de passagem para a menina, e como um acontecimento nefasto para as mulheres em sua maior parte. Foi-lhe atribuído, entre outras coisas, um caráter "mágico", cujas influências poderão atingir o trabalho, manipulação, colheita e elaboração de certos produtos, tendo sua

variação de uma cultura para outra. Por exemplo: estragar o toicinho, o salame, murchar as flores, desandar a maionese, etc. Isto ocorre ainda hoje, principalmente nos lugares em que as informações e os conhecimentos produzidos pelo avanço cultural e das diversas ciências, ainda constituem discrepâncias em relação a realidade "local".

Conforme salienta Beauvoir, no período menstrual a mulher, de maneira generalizada, torna-se impura aos olhos de muitas sociedades.

O Levítico associa a menstruação à gonorréia. É com rigor que no Levítico as leis do Manu proibem relações sexuais nesse período, condenando o homem que transgredir estas regras a rituais de purificação e penitência; isto para evitar que os homens possam perder sua energia, força, sabedoria e vitalidade ao relacionar-se com uma mulher maculada pela menstruação.

Werner citando Montgomery (1974) assinala que no estudo comparativo entre 40 sociedades verificou-se que

"Os tabus da menstruação são mais comuns onde os homens não participam do nascimento das crianças, dos ritos pré-puberes das meninas nem dos tabus sexuais do parto. Estes tabus parecem fazer parte de um conjunto de fatores que separam os dois sexos"(14).

A virgindade também vai ser objeto de mitificação, sendo que sua significação vai variar em diferentes culturas e sociedades.

Nas sociedades primitivas como atuais, os tabus possuem uma variabilidade bastante grande. Em algumas sociedades há bastante liberalidade em relação ao sexo, em outras a sexualidade aparece mais reprimida, porém, de uma forma geral, existe uma significação especial para virgindade da mulher.

Assim, em algumas sociedades é necessário que a mulher submeta-se a algum tipo de ritual para perdê-la antes do casamento; em outras a perda ocorre como significação da concretização do próprio casamento.

Beauvoir salienta que durante o matriarcado a virgindade não era um fator relevante. Cita ainda costumes "exóticos", à luz de nossa cultura, como o costume do homem tibetano que ao verificar que sua jovem esposa é ainda virgem, recusa-a, com a argumentação de que "não deseja uma mulher que ainda não tenha despertado desejo em outros homens". Ou em relação aos eslavos que "se um homem casa com uma mulher ainda virgem lhe diz: se valesse alguma coisa teria sido amada por homens e alguém lhe teria tirado a virgindade. A seguir ele a expulsa e repudia"(15).

O processo que levou, em nossa sociedade, o homem a assenhorar-se da mulher, desencadeou nele o "desejo" de garanti-la como sua propriedade: é a posse cuja confirmação vai concretizar-se

através do uso exclusivo, do impedimento de que outros "a usem".

Evidentemente que ao reclamar a virgindade à mulher o homem reafirma seu poder e domínio sobre ela. No entanto, a essa "qualidade" aliam-se outras como: saúde, beleza, juventude, que não são necessariamente exigidas em retribuição por parte dela.

Essa concepção é fundamentada também pela religião dominante no Ocidente.

O Cristianismo vai depositar na figura de Eva "o pecado da carne" que pode destruir um homem. Por outro lado, é através de Maria, a Virgem, que fica colocado o espaço para a mulher e o modelo para a sua redenção, que como Maria deve fazer-se serva do Senhor.

"A Igreja exprime e serve uma civilização patriarcal na qual é conveniente que a mulher permaneça anexada ao homem. E fazendo-se escrava dócil que ela também se torna santa abençoada. As sacerdotizas antigas como a maioria das santas cristãs, eram igualmente virgens. A mulher, votada ao homem deve vê-lo no esplendor de suas forças intactas; cumpre que ela conserve em sua integridade indomada o princípio de sua feminilidade. (...) É a suprema vitória masculina que se consuma no culto de Maria; é a reabilitação da mulher pela realização de sua derrota"(16).

Se é na maternidade que a mulher é "temível", é nesse momento que é preciso moldá-la, escravizá-la. E por isso que é como mãe que a mulher será adulada, querida e respeitada pela sociedade e pelo homem, mediando a relação do indivíduo com o cosmo (relação natureza-mãe, como vimos anteriormente). Revestem-na ainda de qualidades e mistérios. Torna-se sorridente e heróica. Aprende a doar-se, a sofrer resignada, a perdoar. Fazem-na dos homens e dos poderes, guardiã e serva, conduzindo docemente seus filhos pelos caminhos traçados.

"Isso agrada o poder hegemônico, além do que torna-a, não raro, a própria cerceadora da liberdade de seus filhos; a megera"(17).

Uma vez fixado o mito da mãe, é aberto o espaço para a criação de mitos secundários. A sogra e a madrastra vão encarnar o lado cruel e negativo da maternidade, não deixando para elas a possibilidade de escolha de um papel diferente.

E paralelamente à mãe, um exército de boas feitiçadeiras: tias, avós, madrinhas, irmãs de caridade, velhas senhoras bondosas, etc.

São para essas mulheres que ele se entrega por inteiro, pois tem a certeza que mesmo "abandonado em seus braços", como um menino, permanece um senhor; uma vez que elas o compreendem sem que ele lhes fale, a sabedoria delas, é a sabedoria da vida. Nessa legião

ainda incluem-se: as irmãs, as moças puras, as amigas de infância, e as futuras mães.

A esposa vai constituir-se assim no mais precioso dos tesouros. Vai chamá-la de sua "metade" e muitas vezes vai manifestar seu poder para o mundo através dela.

"Entre os orientais, a mulher deve ser gorda: vê-se assim que é bem alimentada e honra o seu senhor. Um muçulmano é tanto mais considerado quanto maior o número de mulheres florescentes que possui. Na sociedade burguesa, um dos papéis reservados à mulher é representar; sua beleza, seu encanto, sua inteligência, sua elegância são os sinais exteriores da fortuna do marido, ao mesmo título que a carroceria de seu automóvel. Rico, ele a cobre de peles e jóias. Mais pobre, elogia-lhe as qualidades morais e os talentos de dona de casa. O mais deserdado, se tem apego a mulher que o serve, imagina possuir alguma coisa na terra"(18).

Tal domínio estende-se além da vaidade social para o âmbito da vida mais íntima: orgulha-se de exercer seu domínio sobre ela, sexual e moralmente. Ele é o único homem que com ela faz sexo e deduz ser o único que desperta seu desejo. Pensa também que cabe a ele educá-la, moldá-la, impondo à ela, muitas vezes, a sua própria personalidade.

O Cristianismo, permeando a racionalidade da nossa civilização, faz da mulher uma figura "espiritualizada". Assim ela vai constituindo-se a "alma" da casa, da família, da nação, e a "essência da cultura". Beauvoir coloca que quando um viajante possui em seus braços uma mulher estrangeira pensa que nela esta contida a alma da cultura local. Desta forma a mulher vai significar, além das riquezas econômicas e das instituições políticas também a "polpa carnal" e o "maná místico" existente em cada sociedade ou cultura.

"O ideal que o homem põe diante de si como o Outro essencial, ele o feminiza porque a mulher é a figura sensível da alteridade; eis porque quase todas as alegorias tanto na linguagem como na iconografia, são mulheres"(19).

A mulher vai aparecer portanto sempre no papel de complemento, de adendo, nunca como sujeito da ação.

As relações entre as contingências da natureza e as construções dos homens, vão colocar-se perfeitas para uma mulher frágil/fraca demais para ameaçá-las, mas doce e meiga o bastante para suavizá-las e enriquecê-las.

Portanto, através da mitificação vai se constituindo/gerando essa lógica, esse modelo, na medida em que os deuses masculinos vão representar, em sua maior parte o poder e o destino e as deusas a benevolência e a proteção.

## Conclusão

A questão do mito é centrada, como vimos, numa "explicação" tão convicta e exaustiva da realidade e de maneira totalitária e fechada, que nos impede de superá-la a partir de dentro, como também de produzir novos conhecimentos sobre a mesma. Isto ocorre porque a possibilidade criada pelo mito é sempre a mesma: fechada, acabada, ela por si só arvora-se a definir tudo o que existe na realidade.

Por isso é tão difícil para as mulheres tentarem não apenas discutir estas questões, mas principalmente modificá-las. Não basta apenas a mulher transformar a sua postura diante da realidade, é necessário também que compreenda que a sua luta deve engajar-se, numa perspectiva mais ampla, à outras questões que permeiam nossa cultura e sociedade, pois é fundamental transformar "a racionalidade" que justifica e mantém essas diferenças. Nesta mesma lógica, muitas outras questões devem ser por nós repensadas.

Assim, na discussão sobre qualquer realidade humana deve-se relevar os aspectos culturais que "preenchem" as lacunas existentes no social, remetendo à essas estruturas os sentidos, valores, escolhas, que permitem que cada papel seja vivido de forma diferente dentro de uma mesma cultura. Segundo Da Matta "esse conteúdo é dado pelas ideologias e valores contidos nas relações sociais observáveis de um dado grupo e são eles que irão nos ajudar a compor aquilo que é coberto pela noção de cultura"(20).

Na perspectiva em que situamos a realidade cultural e social, compreendemos que tanto uma como a outra independem de um determinismo físico/biológico ou natural. Estes dois aspectos da realidade humana devem, portanto, ser formulados a partir de uma noção de complementaridade.

Conforme Da Matta, sem a tradição uma sociedade pode organizar-se, mas não pode ter consciência de seu modo de vida. E como sabemos a consciência é uma mediação fundamental para o nosso processo de socialização, pois é ela que vai situar o homem no mundo dentro de uma lógica de inclusões e exclusões, de regras e normas<sup>(21)</sup>.

Assim, é evidente que esses mitos e papéis vivenciados pelas mulheres em nossa civilização vão ser constituídos, e não constituintes, e por isso mesmo podem ser transformados.

Será procurando conhecer as formas de aquisição e transmissão de comportamentos, simbolismos e inter-relações, que poderemos delimitar o âmbito das determinações da natureza e da cultura, considerando, no entanto, a irredutível diversidade do cultural.

Cada cultura realiza uma escolha dentro do vasto campo das



possibilidades humanas, vivendo-a como universal. É possível conhecer e desmistificar as escolhas que fizeram da mulher, em nossa civilização, um ser inferior ao homem e, com isso, modificar a sua condição.

## Notas e Referências

- (1) Beauvoir, p.9, op. cit.
- (2) Ibid. p.12
- (3) Ibid.p.14
- (4) Ibid. p.22
- (5) Ibid. p.38
- (6) Ibid. p.42
- (7) Ibid. p.48
- (8) Ibid. p.62
- (9) Ibid. p.67
- (10) Ibid. p.69
- (11) Ibid. p.73
- (12) Ibid. p.104
- (13) Ibid. p.120
- (14) Ver maiores informações no livro de Denis Werner: *Culturas Humanas Sexo/Comida/Magia*, cap. VI (Mulheres e homens).
- (15) Beauvoir p.194, op. cit.
- (16) Ibid. p.214/15
- (17) Ibid. p.217
- (18) Ibid. p.219

- (19) Ibid. p.221
- (20) Da Matta, op. cit. p.54
- (21) Maiores detalhes ver Da Matta p.24/25

## Bibliografia Complementar

- Beauvoir, Simone de. A mulher Desiludida. Histórias. 2.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- , Memórias de uma Moça Bem Comportada. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1968.
- , O Segundo Sexo. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980. 2 V.
- , Sob o Signo da História. Vol. I e II. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1965.
- , Todos os Homens são Mortais. 3.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983.
- , Uma Morte Muito Suave. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- Da Matta, Roberto. Relativizando: Uma introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro, Rocco, 1987. 240 p.
- Laplanche, François. Aprender Antropologia. Segunda Edição, São Paulo, Editora Brasiliense, 1989. 225 p.